

PROVIDÊNCIA DO  
amor



ALINE  
MORETHO

PROVIDÊNCIA DO  
amor



**Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2024**

**Copyright © Aline Moretho, 2024**

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

**DIREÇÃO EDITORIAL**

***Lilian Vaccaro***

**REVISÃO**

***Clysnaya Vasconcelos***

**PRODUÇÃO GRÁFICA**

***Giovanna Vaccaro***

**CAPA**

***Sara Vertuan***

**DIAGRAMAÇÃO**

***Michael Vasconcelos***

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

Moretho, Aline

Providência do amor / Aline Moretho – 1ª edição – São

Paulo: Coerência, 2024

ISBN: 978-65-89850-97-7

CDD: 869.3

---

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção brasileira 2. Romance cristão I. Título



Rua Coronel Osório, 92 | Centro  
Bragança Paulista | SP | 12900-150  
[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)  
Tel.: (11) 9.1292-1001

# Nota da autora:

*Providência do Amor* nasceu em meados do ano de 2019, em meio a uma ideia inusitada de três amigas autoras: Aline Moretho, Maina Mattos e Dulci Veríssimo.

Todas nós, ansiosas para escrever algo fora da nossa zona de conforto, criamos um perfil novo na plataforma do Wattpad e lá escrevemos usando pseudônimos.

Pareceu uma loucura na época, e talvez tenha sido mesmo, mas nos divertimos muito. A experiência foi única e rendeu histórias incríveis.

Uma delas é esta, que você, caro leitor, está prestes a ler.

Se algum dia conheceu a versão anterior, prepare-se para se surpreender com as mudanças. Se nunca leu, te convido a embarcar na jornada de Amelie e Aaron.

Que o Senhor use este livro para falar tanto ao seu coração quanto falou ao meu!

Aline Moretho



“Apesar dos ventos e marés da providência muitas vezes parecerem estar contra nós, nada é mais certo de que eles estão nos trazendo mais perto de Deus e nos preparando para a glória”

- John Flavel





Dedico este livro aos cristãos solteiros que nasceram em lares não-cristãos e oram ao Senhor pela oportunidade de construir uma família firmada em Cristo.



# Agradecimentos:

Agradeço ao Senhor pelo privilégio que me deu de escrever uma história sobre amor, perdão e confiança em meio aos dissabores da vida.

Também sou grata à minha família, amigos e igreja por todo apoio. Minhas parceiras de vida, Maina, Dulci, Kell e Clys, obrigada por sempre me darem suporte.

Em especial, louvo a Deus pela vida da minha amiga Lina Varoni e sua disposição em me ajudar com este livro.



# Um

*“Minha querida sobrinha Amelie,*

*Como louvo a Deus pelo desejo missionário queimando em sua alma!*

*Minhas meninas carecem de mãos generosas e um coração cheio de afeto materno para receberem cuidados especiais.*

*Tenho orado por assistência e creio no Senhor que receber sua carta me trouxe esperança de não mais precisar fazer este trabalho árduo sozinha.*

*Contudo, durante minhas orações, seu pai me veio à mente.*

*Tenho minhas dúvidas se meu irmão concordará com a ideia de ver a filha cruzando o oceano rumo às terras do Além-Mar. Não quero ser a responsável por induzi-la contra ele.*

*Ore, minha doce Amy. Peça uma direção ao Senhor e converse com o seu pai sobre seus sonhos. Caso tenha aprovação, eu estarei pronta para recebê-la.*

*Já mandei uma correspondência à Agência de Missões Internacionais de nossas Igrejas. Eles a aceitarão prontamente quando lerem minhas recomendações.*

*Confie na providência do Senhor.*

*Com amor,  
Tia Gladys McKlain.”*

Amelie mal podia acreditar nas palavras daquela carta tão aguardada.

Ela pulou de felicidade e deu piruetas por todo o cômodo sem conseguir conter sua emoção diante das boas-novas. Já conseguia sentir a brisa marítima beijando-lhe a face do alto de um navio e imaginava quantas experiências viveria ao lado de sua tia e das meninas para quem ela dava aulas e pregava o evangelho.

Ah! Os próximos meses seriam agitados.

Precisava providenciar um grande baú para comportar alguns vestidos leves para o clima tropical, e um outro para acomodar os livros que me acompanhariam na viagem.

— Estou pronta para ir aos lugares mais remotos por Sua causa, meu bom Senhor Jesus! — Ela sorriu e se jogou no divã da biblioteca, abraçando a carta contra o peito. — Enfim, serei livre desse lugar!

Amy fez questão de reler a carta, sem saber como agradecer por aquela oportunidade. Dessa vez, com mais calma, reparou no trecho que havia ignorado em sua primeira leitura:

*“Tenho minhas dúvidas se meu irmão concordará com a ideia de ver a filha cruzando o oceano rumo às terras do Além-Mar.”*

Como ela convenceria o pai a deixá-la abandonar a cidade grande de Bridgestown rumo ao desconhecido? Amy engoliu em seco. Só de formular a conversa que deveria ter com ele para apresentar os seus planos, estremeceu.

Respirou fundo, fez uma curta oração e tentou se manter calma. Deus haveria de abrir os caminhos, inclusive no coração duro do Sr. McKlain.

— O seu pai vai te matar, senhorita! — exclamou a Sra. Bovary, a governanta, ao abrir a porta da biblioteca.

Em um gesto rápido, Amelie escondeu a carta abaixo do longo tecido de seu vestido azul. Amelie tinha plena consciência de que o

pai desaprovava qualquer contato entre ela e a tia Gladys. Porém, o que podia fazer, quando não conhecia muitas mulheres cristãs para auxiliá-la no progresso da fé?

Sra. Bovary era uma das únicas mulheres com quem mantinha contato diário. Contudo a senhora a odiava, portanto não podia contar com sua ajuda. Na igreja ou nos círculos sociais, Amy mal conseguia criar laços, já que seu pai, devido à natureza de seus negócios, vivia se mudando. Além disso, o homem estava sempre se queixando da participação dela nos cultos. O mais próximo de uma amiga que tinha era Maggie, uma das criadas recém-contratadas.

Não era à toa que Amelie buscava refúgio nos livros. Era um privilégio poder escapar de sua realidade solitária, mesmo sendo apenas através do imaginário.

— Já não a adverti quanto a esse comportamento? É a quinta vez que não aparece para suas aulas de conhecimentos domésticos — Sra. Bovary a repreendeu, aproximando-se do divã. — Poderia se sentar enquanto falo com a senhorita?

Amelie se controlou para não revirar os olhos. Faltaria em todas as aulas que pudesse. Não porque odiava a domesticidade, embora não fosse a mais dedicada das moças no que dizia respeito a assuntos domésticos, mas porque suspeitava das intenções de seu pai em torná-la uma boa esposa.

Boa esposa para quem?

Tendo ciência de todo o sofrimento que o Sr. McKlain proporcionou a sua falecida mãe, Amy jamais desejou se casar. Além disso, não confiava no julgamento do pai para homens.

— Perdão, senhora — ela respondeu, desanimada, e se sentou, alinhando a coluna. Precisava conter toda a sua natureza diante da governanta, que nunca hesitava em prestar um relatório

completo sobre o comportamento da moça ao seu superior. — A senhora bem sabe que tenho me empenhado em organizar essa biblioteca. Às vezes perco a noção do tempo.

Bovary a observou de cima a baixo com desdém.

— Não devia brincar com o seu pai, senhorita. Ele é um homem que não tolera desaforos. Ainda mais os seus. Se é tão cristã quanto professa ser, deveria honrá-lo.

A jovem se levantou e mordeu o lábio. Que Deus a ajudasse a conter toda a sua indignação!

— Não se preocupe, Sra. Bovary, não vou envergonhar a honra do meu pai. — Bufou. — Tenho certeza de que estou atrasada. É melhor eu ir.

Amelie estava prestes a passar pela senhora carrancuda, quando a sentiu segurando em seu braço.

— Sei o que está escondendo no vestido — ela pronunciou em um tom áspero, fazendo a jovem a sua frente sentir arrepios. — Toda correspondência destinada ao seu nome passa por mim. O Sr. McKlain ficará sabendo dos seus planos com sua tia desajuizada.

Indignada com aquela afronta, Amy puxou seu braço de volta.

— Não se preocupe demais comigo, senhora. Hoje não lhe darei o prazer de me entregar ao seu amado patrão. — Forçou o sorriso. — Papai ficará sabendo de tudo após o baile. Até mais.

— Verde com fitas vermelhas? Maggie, deseja mesmo que eu me pareça com uma árvore de Natal? — Amy brincou com a jovem criada em quem confiava, que deu uma risadinha.

Ambas tinham a mesma idade e alguns gostos em comum para vestidos. A jovem patroa se apegou à garota ruiva e a tratava muito



bem, enchendo-a de presentes e docinhos sempre que podia. Ela até planejava ensiná-la a ler, assim ganharia uma companhia durante seus estudos bíblicos ou leitura de romances. E caso partisse para as missões, planejava levar Maggie consigo.

— E que tal este? — a criada sugeriu, com a paciência de Jó, e mostrou um vestido verde oliva de cetim com renda delicada nos ombros.

Amelie ficou feliz. Embora almejasse a vida simples de missionária, tinha um grande amor pela moda e apreciava se vestir com elegância e modéstia. Ela acreditava que a beleza de suas roupas deveria honrar ao Senhor e não a si mesma. Por isso orava para que, mesmo quando fosse privada daqueles modelitos chiques, tivesse criatividade para estar sempre bela, tal como sua mãe a ensinou.

— Foi um presente do meu pai, quando viajou a negócios para a Costa Dourada há quatro anos — Amy contou com pesar. Ainda se lembrava de ter ganhado aquele presente como recompensa por ter sido deixada sozinha na comemoração de seus quinze anos. — Pelo bom gosto, até ousou dizer que ele se importa comigo.

Maggie expirou.

— O seu pai se importa com a senhorita. Tenho certeza. Ele não promoveria um baile em sua homenagem se não se importasse, não é?

Amelie apreciou a tentativa da juvenzinha em consolá-la.

— Me darei ao luxo de acreditar nisso e não na minha suspeita de que ele está apenas tentando encontrar um pretendente que me aceite.

— Isso é bom, não é? A senhorita não deseja se casar?

— Não. Ainda mais com os homens ímpios que papai quer me forçar a conhecer. — Nesse momento, um rosto específico veio à mente de Amelie, e ela estremeceu. — Por falar nisso, preciso de sua

ajuda. Já ouço o som das carruagens, isso significa que os convidados devem estar chegando. Após me vestir, quero que desça e fique de olho nos cavalheiros. Você se lembra do homem estranho de quem falei há alguns dias? Ouvi a Sra. Bovary mencionando que ele poderia aparecer hoje. Se o vir, avise-me imediatamente. Estamos entendidas?

— Sim. — Maggie mordeu o lábio. — Tem certeza de que saberei reconhecê-lo?

— Sem dúvidas. — Amy engoliu em seco. — Ele será o homem mais desagradável que já cruzou o seu caminho.

A criada assentiu e começou o seu trabalho. Com maestria, deu todos os puxões necessários no espartilho para deixá-la alinhada. Depois ajudou-a com os sapatos e, por fim, deu um trato em seus cabelos com um penteado elaborado.

— A senhorita está linda — elogiou Maggie, deslumbrada pelo seu êxito em ressaltar os traços de sua senhora.

Amy contemplou seu reflexo no espelho e se agradou dos resultados.

Ela possuía uma aparência encantadora, com traços delicados herdados da mãe. Seu corpo era curvilíneo e estava longe de ser considerada magra como as jovens de famílias influentes do seu tempo. O rosto era oval, os cabelos castanhos destacavam os seus olhos expressivos e amendoados, também castanhos, o nariz arrebitado, as sobrancelhas arqueadas e os lábios rosados e volumosos. Era bonita, porém, para sua sorte, vários dos pretendentes ricos e solteiros benquistos por seu pai fugiam quando a conheciam, sob o pretexto de preferirem moças que não chamassem tanta atenção.

Azar o deles, pois ela se considerava linda e ficava ainda mais em vestidos de festa. Podia não se agradar com os arranjos do pai, porém amava toda a produção que um baile exigia.

– Obrigada, Maggie. Pode ir agora – ela delegou contente, sem conter a emoção de sentir-se como uma princesa.

A criada saiu e Amelie permaneceu observando seu reflexo.

Expirou.

Um grande pesar tomou conta de seu coração. Era triste participar de bailes e reuniões alegres quando estava sempre sozinha. Ela suspirou e encarou o retrato de sua mãe pendurado na parede. Sra. McKlain, antes de adoecer e falecer, amava bailes e danças.

Mesmo chateada, Amy decidiu trazer esperança ao seu coração. Lembrou que, ao fim daquele baile, novos caminhos se abririam para ela, se assim Deus permitisse.

Depois disso, ela deixou o quarto, rumo ao grande salão de festas da mansão LaBelle. Passou pelos corredores esplêndidos em sua arquitetura e foi elogiada por cada criado gentil em seu caminho.

Prestes a chegar ao salão, ouviu a música animada. Antes de entrar, sentiu frio na barriga. Embora amasse festas e danças, era lamentável não haver pessoas queridas ali para comemorarem seu nascimento com ela, além dos sócios de seu pai e os vizinhos mais notáveis da região.

Amelie respirou fundo, sentindo-se sufocada com o vestido apertado e com a situação. Precisou de um minuto para se preparar. Depois de fazer uma breve oração, entrou no salão lotado de convidados.

Muitas cabeças se viraram em sua direção, e os olhares curiosos a deixaram tensa. Amy fez uma mesura com a cabeça e continuou sua caminhada, grata porque deixou de ser o alvo das atenções com o soar dos instrumentos musicais. Muitos convidados decidiram se reunir na pista para uma dança, e ela então pôde retornar a sua calma.

A jovem cumprimentou um e outro conhecido, aceitou a cortesia dos servos, pegando os quitutes servidos em bandejas de prata, e parou próxima à área de dança, analisando quem seria um parceiro ideal para conduzi-la em uma valsa, sem pisar em seu pé.

Ela sorriu ao assistir os casais alegres rodopiando de um lado e, durante um milésimo de segundo, também desejou ter um par. Mesmo que o casamento não fosse seu desejo, às vezes orava para ter alguém que a acompanhasse na valsa da vida. Dispersou o pensamento, lembrando-se que queria ser como tia Gladys: solteira, satisfeita em Cristo e disposta a usar toda sua feminilidade a serviço do Reino.

Para se distrair, Amy voltou a zanzar pelo salão. Tudo estava tranquilo para ela, e até havia se esquecido dos seus problemas quando avistou Maggie, fazendo um sinal para ela, próxima à saída dos funcionários.

Sem entender a situação, a aniversariante pediu com um gesto que a criada se aproximasse, mas ela negou com a cabeça e insistiu em apontar para frente.

Amy estava prestes a se virar quando ouviu:

— Eu sabia que nos encontraríamos outra vez, querida!